


# Repúblicas universitárias do Porto (2)

## Aceitar o confronto da palavra

Texto: Paula Carreira/Francisco Mangas

A chave caiu de lá de cima, atirada pela janela. Era o primeiro contacto com a Real República Deyxa Ká Wer.

A subida continuou a fazer advinhar outras «originalidades»: a porta do elevador que, incoerentemente, procurámos de imediato, escondia um buraco vazio. O dito, ao que parece, não estava lá... E as escadas foram a solução, para chegar até ao acolhedor 2.º andar, ali, no centro da cidade.

Era a chamada «República dos Engenheiros», nome por que foi conhecida até cerca de 1970. Criada em 1953 por oitocentos de Engenharia, vindos de Coimbra para o Porto para prosseguir o curso (funcionavam então em Coimbra apenas os três anos «preparatórios» de Engenharia, ministrados na Faculdade de Ciências), tem hoje um âmbito consideravelmente mais heterogéneo, em termos de diversidade de cursos: futuros médicos, arquitetos, designers e... engenheiros.

Das mais variadas origens, tanto geográficas como económico-sociais — não necessariamente da província, mas de fora do Grande Porto, como é lógico — recusam os limites estanques de qualquer tipo de catalogação: definem-se a si próprios como «um grupo de gente consciente. Entenda-se isso como se quiser». Para lá entram os amigos dos amigos, propostos por um repúblico já lá residente, ou por alguma das outras repúblicas — não se recusando, contudo, a entrada e alguém de fora, se as circunstâncias assim o permitirem.

Não há chefes nem hierarquias. A república é uma comunidade democrática e para que uma admissão seja aceite é preciso que nenhum dos oito repúblicos se oponha. A decisão é tomada na «assembleia da república», reunião mensal de toda a casa. Como órgão detentor do «poder», a assembleia reserva-se o direito de, e a qualquer momento, poder convidar quem quer que seja a sair (mas tal, diga-se, é coisa rara de acontecer).

De dois em dois meses é eleito um novo gestor da economia doméstica. Para as despesas fixas da casa cada repúblico contribui com 2 750\$00 e, se

lá fizer todas as refeições, pagará mais 6 800\$00 mensais. Tudo depende da modalidade que escolher. Mas atenção: a república não é um hotel mais barato, um poiso eventual, um armário para a roupa de passagem. É uma comunidade com interesses, problemas e soluções para serem vividos em grupo. A república é uma família.

E, para já, tudo é feito pela gente da casa. Desde as refeições até às tarefas domésticas quotidianas, contando apenas com a visita, ao sábado, de uma empregada externa, «para as limpezas maiores».

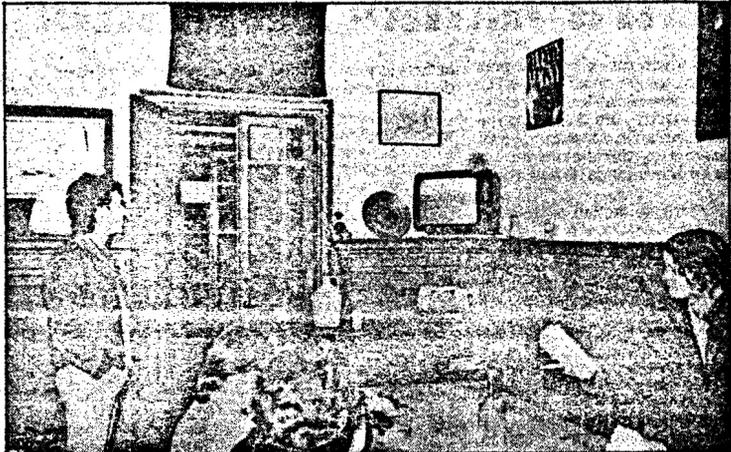
### Capacidade de «confronto»

Não é necessária nenhuma característica especial para se poder ser repúblico. O único estatuto vigente é o da capacidade de «acitação do confronto violento de palavras».

A república é um local de formação, de confrontos humanos, de personalidades diversas, de aprendizagem. A contrastar com o «efeito castrante» dos lares, e as «autênticas prisões» que são os quartos individuais.

Aqui tem-se a liberdade — e a inerente responsabilização — que se quer. Mas os «DEYXA KÁ WER» têm quase todos um gosto comum, em termos de tempos livres: o cinema. Depois, são as tertúlias de momento, os debates de ideias, o convívio com outras repúblicas.

No Porto, e porque são em menor número, o bloco é mais homogéneo. Mas tanto com estas como com as de Coimbra,



Os «Lysos» no seu local favorito: a sala de convívio

dos Serviços Sociais Universitários, e a esse nível tudo está feito. Agora é o equipamento interior o problema, desde os electrodomésticos, que arranhou que começam a falhar, até ao mobiliário.

Aprender a negociar é uma arte e os «DEYXA KÁ WER» aprenderam. De óptimas relações tanto com o reitor como com os Serviços Sociais (onde se fornecem, em grandes quantidades, com 40% de desconto nos géneros), e «sem oportunismo, mas com o sentido da oportunidade», têm vindo, gradualmente, a melhorar as suas instalações e a equilibrar a sua economia doméstica.

E o papel das repúblicas não

se pode esgotar no interior da casa, consideram. A república alarga-se à escola. Eles são activos, informados e interventivos. Dão-se bem com os órgãos académicos, têm gente em conselhos directivos (nomeadamente em Ciências e Arquitectura), sabem como as coisas funcionam.

Viver em república é levar e trazer experiências. Eles são assim, os «Deixa Ká Wer». Um grupo de gente consciente.

### A história começa em Coimbra

Eles são treze, uma rapariga, e mais um cão, como fazem questão de salientar. Era a etapa seguinte, que nos levou ali à Faria Guimarães, ao encontro dos «Lysos».

Canto calmo, afastado dos bulícios do centro, de bons vizinhos — assim como eles, que são «bons rapazes» —, casa com rés-do-chão, primeiro andar, sótão, garagem, quintal e domínios do cão. Com obras feitas há um ano, 100 contos que saíram dos bolsos de todos.

Era em 1959 e, tal como os «Deixa Ká Wer», a Real República dos Lysos nasceu fundada por futuros engenheiros vindos dos «preparatórios» de Coimbra. Instalam-se na Rotunda da Boavista, até meados de 60, altura em que se mudam para a avenida do mesmo nome. E é

quando se inicia a construção do Centro Comercial Brasília, no início da década de 70, que o edifício onde se instalavam tem de ser demolido, fixando então a sua residência em Faria Guimarães, em 1972, com 70 mil euros de indemnização no bolso e a mesma força de sempre, renovada a cada princípio.

E as origens contam-se pela heráldica, presas em 28 «centenários» (quem diz que um ano de vivência numa república não vale por um século?) plenos de histórias. No canto superior direito do estandarte aparece a torre da Universidade de Coimbra. Três postes eléctricos, do lado esquerdo, remetem para o facto de os fundadores serem de Engenharia. Em baixo há um saco de dinheiro a ser roído por dois ratos, motivo para a inscrição que lá aparece, S. O. S. «O nome vem da falta de dinheiro...».

### Regras elásticas

A regra número um — provavelmente a única realmente fixa — é a de que tudo «normalmente» é assim, mas também pode não ser, se for preciso ser de outra maneira. Se der mais jeito ser diferente.

Ratúnem «quando é preciso». Quinzenalmente (ou mensalmente? ou semanalmente?), dois deles tratam dos abastecimentos de comida — também

— aqui através dos Serviços Sociais — dois são encarregados das contas, dois do telefone, e um é o «gerente».

A D. Casimira lava a roupa, três ou quatro vezes por semana, e a Irene é a cozinheira, mas só faz o jantar, já que ao almoço todos se espalham pelas várias cantinas.

E para que conste, o preço do restaurante «A Flor dos Lysos» é o seguinte, para uma refeição de sopa, prato, água: repúblico — 100\$00; não repúblico, estudante universitário — 120\$00; alheio, 200\$00.

Como quantia fixa cada um contribui com 4 000\$00. E depois as refeições, o telefone, e «o resto», são por fora.

### Comunidade

Viver em república é ainda o mais económico. E a condição económica é um dos factores que é tido em conta no acesso aos «Lysos». Bem como a preferência por alunos dos primeiros anos, que aqui permanecerão por mais tempo e darão mais de si à casa. E que saibam viver em comunidade.

Regra comum em todos, onde se chega, e se fica, quase sempre pelos mesmos processos: os amigos, o período de adaptação (aqui de 6 meses), a reunião da casa, e o «baptismo» — regado com cerveja, na versão menos «alcoólica».

E por maioria que o repúblico terá de ser aceite, mas aqui, «ao contrário do que se passa em muitos outros casos — escrevam isso aí — a oposição tem sempre direito a uma palavra».

Hoje eles são de Engenharia, de Letras, de Medicina, de ISEF, de Jornalismo. E em relação à praxe acham que «talvez». Todos têm direito a ser o que quiserem, e «há autocollantes de muitas coisas nos quartos».

Assim são os «Lysos», que não querem politizar nem emaranhar as conversas. No fundo «há uma moral», a comum, uma linha de acções e de limites, que faz deles uns bons rapazes (e que não têm todos já namorada, ao contrário do que consta na vizinhança).

O último ponto. Porquê uma rapariga? «Se as há no convívio universitário, porque não há de haver na república?».

A resposta pareceu-nos esclarecedora.



mantém contactos apenas com algumas. Como em tudo, também em termos de repúblicas «há as boas e as más».

Mas a liberdade de escolha de grupos de amigos, bem como de opções políticas ou intervenções académicas é, obviamente, total. Se a «Queima das Fitas» é reivindicação e convívio estudantil, sim. Se não é nada disso... não.

### Aprender a negociar

Mas na casa arrumadinha e acolhedora (com aquecedor na casa de banho e tudo!), muita coisa falta ainda. Nas obras recentes contaram com o apoio

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Associação Académica Residência Universitária